

# Reflexões Críticas sobre a vida acelerada

## *Critical reflections on accelerated life*

Wallace da Costa Brito

### Resumo

O artigo objetiva discutir a vida acelerada, ponderando tal fenômeno como habitual para os sujeitos contemporâneos. Parte-se da indissociável relação entre subjetividade e sociedade. Postula-se a mobilidade e a aceleração como expressões típicas da modernidade intensificadas nas últimas décadas, isto é, no contemporâneo. Encontramos amplamente difundida entre nós a sensação de falta de tempo em que a tensão se exhibe como estilo frequente dos nossos modos de ser e viver. Aponta-se que a vida acelerada se vincula à falta de experiência, à procura pelo ter, ao predomínio da imagem e ao fluxo permanente. Vislumbra-se que a problematização, bem como a contraposição a este modo de ser pode se dar através da mobilização do pensar, do sentir e do agir, como atitudes correlacionadas que aqui são tomadas como imprescindíveis nesse contexto para ativar novos querereres e fazeres na busca por outros sentidos em nossas formas de conceber e vivenciar o tempo.

### Palavras-chave

Vida acelerada, tempo, contemporaneidade.

### Abstract

*The article aims to discuss accelerated life, pondering this phenomenon as usual for contemporary subjects. It begins with the inseparable relationship between subjectivity and society. Mobility and acceleration are postulated as typical expressions of modernity intensified in recent decades, that is, in the contemporary world. We find a widespread sense of lack of time in which tension is seen as the frequent style of our ways of being and living. It is pointed out that the accelerated life is linked to the lack of experience, the search for having, the predominance of the image and the permanent flow. It is envisaged that problematization as well as the opposition to this way of being can take place through the mobilization of thinking, feeling and acting, as correlated attitudes that are here taken as essential in this context to activate new wills and doings in the search by other senses in our ways of conceiving and experiencing time.*

### Keywords

*Accelerated, time, contemporaneity.*

### Wallace da Costa Brito

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Mestrando em Psicologia (UFRRJ).  
Psicólogo (UNIABEU Centro Universitário).

wallacedacostabrito@gmail.com

## Introdução

Haverá silêncio  
que resista  
a toda esta tensão?  
(CARDOZO, 2000, p. 35).

O propósito deste artigo é discutir um aspecto especificamente relevante da atualidade que leva a consideráveis consequências nos modos de ser. Trata-se da vida acelerada, do tempo corrido, dos ritmos velozes com os quais os sujeitos têm sido persistentemente habituados. Para tanto, inicialmente apresenta-se tal problema a partir das reflexões do filósofo francês Gilles Lipovetsky e do psicanalista brasileiro Joel Birman, com suas aproximações e distanciamentos. Em seguida, procura-se ampliar o campo de visão através das contribuições de autores como Ariane Patrícia Ewald, Jorge Coelho Soares, Luis Bicca, Maria de Fátima Vieira Severiano, Olgária Matos, Claudine Haroche e Zygmunt Bauman, dentre outros. Todos estes, em seus escritos, contribuem no exame de tal questão e são referências importantes para a avaliação crítica dos modos contemporâneos de ser, tendo como primordial a relação estabelecida com o tempo. Com efeito, trata-se de pensar como o sujeito, ao se situar no contexto (espaço-temporal) e nele inserido, passa a entender a si próprio e o mundo. Em relação à atualidade histórica, dotada de exigências de adaptação ao ritmo veloz e frenético, encontram-se determinados direcionamentos para esse entendimento de si e do mundo, para as formas das relações, para os propósitos e projetos amplos ou restritos, como também para as formas de atuar.

Acresce dizer que para o debate desse aspecto da relação do sujeito atual com o tempo torna-se relevante atentar-se para a constituição do mundo que se dá pela junção das categorias tempo e espaço, ou seja, a conexão entre estas duas noções precisa ser considerada, não em separado, mas em conjunto, como conectadas. O tempo é o transcorrer, é o acontecer, a ordem dos fatos, enquanto isso, o espaço é o cenário, o lugar onde estes fatos se dão. A cada instante entrelaçados, o mundo, o tempo e o espaço sofrem mutações (EWALD; GONÇALVES; BRAVO, 2008).

Nesse sentido, é oportuno sublinhar que há uma indissociável relação entre subjetividade e sociedade, entre personalidades e contexto social. Conforme apontam Severiano e Estramiana (2006), ao empreendermos um exame da subjetividade no contemporâneo, importa tentar compreender o mais atentamente possível as alterações desencadeadas nas sociedades ocidentais nas últimas décadas e na atualidade. Torna-se valorosa, por isso mesmo, a contextualização dos dados precedentes que marcaram a construção do significado histórico. Tais alterações precisam ser decifradas como vinculadas às personalidades dos sujeitos que dão condições para o seu surgimento e continuação. Os sujeitos, igualmente, para serem compreendidos, precisam ser situados nesse contexto social mais extenso no qual tomam parte.

O texto parte de um breve marco situacional acerca do modo próprio de entender e viver a temporalidade na modernidade. Em continuação, coloca o problema da aceleração social como uma forma amplamente difundida de se situar no mundo atual e vivenciar a temporalidade. Acerca disso, cogita-se que vivemos em um tempo que impede a passagem por experiências com o conseqüente acúmulo de aprendizagens em três dimensões que se interligam e interpenetram (sentir – saber – fazer). Pontua, ainda, que a mobilidade e a aceleração são expressões típicas da vida moderna intensificadas nas últimas décadas – a atualidade histórica ou o contemporâneo – período designado por diferentes teóricos com distintos termos (hipermodernidade, modernidade tardia, modernidade líquida,

dentre outros). Localizam-se bem por dentro dessa dinâmica a vida orientada basicamente para o ter, a ênfase na imagem como técnica comunicativa e o fluxo que não cessa de lançar solicitações e mesmo exigências aos sujeitos. Por fim, o texto apresenta uma argumentação crítica inspirada em uma canção da música popular brasileira, na tentativa de fazer valer o pensar e o sentir, suscitando com isso inquietudes da razão e da emoção<sup>1</sup>.

## Situando-nos

Vivemos em um momento histórico no qual há a sensação incessante de falta de tempo ou de ausência do tempo; o tempo que escapa, que rapidamente se vai; o tempo sem tempo, portanto. O tempo vivido em ritmo acelerado gera consequências na produção de subjetividades, considerando que o sujeito se constitui a partir dos aspectos disponíveis do mundo, a maneira como vivemos é afetada pela forma como vemos e sabemos (EWALD; GONÇALVES; BRAVO, 2008). Vivemos absortos em uma constante imprecisão: as coisas vêm, passam e outras chegam. Isso acarreta a dificuldade para resguardar e valorizar o passado, encorpar a memória e projetar o futuro. No apreço pelo lucro ao qual se prende a dinâmica social, uma das palavras de ordem é otimizar o tempo, administrá-lo, o que se situa bem dentro da lógica da instrumentalização tão criticada por alguns pensadores da Escola de Frankfurt<sup>2</sup>.

A tensão como ocorrência sempre presente – vinte e quatro horas – anda junto com dificuldades em alta na atualidade: ansiedade, impaciência, pressa, monotonia e depressão são algumas das condições aí encontradas. Neste texto em específico trabalhamos com a ideia de que a atualidade pode por um lado ser encarada como contínua à modernidade, com a radicalização de alguns dos seus elementos e alteração de outros, tendo prosseguimento certas bases referenciais de entendimento de si mesmo, da vida e do mundo. Um deles, por exemplo, diz respeito ao sujeito como ser calculante. O tempo aparece aí como elemento chave, radicalmente calculado, medido, esquadrinhado. Conforme Bicca (1999, p. 154): “O homem moderno fez do cálculo um hábito. Entendendo-se a si mesmo como animal do labor, fascina-se com o que faz e fabrica”. Assim considerando, perdemos o Cairós<sup>3</sup> e mergulhamos avidamente em Chronos<sup>4</sup>. Com o tempo quantificado, o viver parece inibido quanto à atitude reflexiva, isto é, o pensar algumas vezes se apresenta como vacilante e superficial. Na atualidade, portanto, concentramo-nos em fazer, produzir coisas e, sobretudo, em consumi-las e descartá-las (NUNES, 2013).

No debate sobre essa temática, são inicialmente apresentadas duas referências significativas, o francês Gilles Lipovetsky e o brasileiro Joel Birman. Ambos contribuem para o estudo de tal questão, muito embora suas análises sejam próximas em alguns aspectos, distanciam-se em outros. Enquanto o francês, em sua filosofia, tece o pensar, fundamentalmente, ao encontrar na sociedade, na cultura e na história, elementos suficientes para a leitura das subjetividades propriamente, o brasileiro, como psicanalista, constrói sua leitura valorizando sobremaneira os aspectos psíquicos (internos) destas. Sendo assim, o segundo traça uma ampla intersecção com a história, a cultura e a sociedade, na procura por explicar como os sujeitos se constituem e funcionam, tendo por referência o contexto espaço-temporal no qual vivem. Pois bem, a aceleração da vida é apreciada tanto por um quanto por outro como emblema proeminente do mundo contemporâneo. Diante disso, a seguir, lançam-se algumas dentre as considerações dos dois autores no que se refere ao fenômeno da aceleração.

Lipovetsky (2005), ao tratar tal assunto, aponta não para a falta, mas para o excesso, que resulta em indiferença. Segundo ele, o volume de

### 1

Inquietudes da razão e da emoção é a bela expressão utilizada pelo psicólogo e professor Jorge Coelho Soares, como subtítulo do interessante livro por ele organizado, que reúne diversos artigos direcionados à introdução do leitor nas ideias dos mais importantes pensadores da Teoria Crítica. Cf. (SOARES, 2010).

### 2

A Escola de Frankfurt, conforme ensina Soares (2010, p. 7), é uma “[...] designação criada nos anos 1950, é uma referência já consagrada no meio intelectual que traz à cena, de imediato, as figuras de Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamim, membros da primeira geração, a partir dos quais tomou forma seu “programa de investigação interdisciplinar”. Trata-se do resultado de um esforço coletivo, no qual foram colocados em questão os limites tradicionais entre cada disciplina isoladamente. Filósofos, sociólogos, economistas, historiadores e psicólogos foram convocados a se organizar numa comunidade de trabalho duradoura visando dar conta da amplitude das questões suscitadas pelo desenrolar do projeto da modernidade ocidental e capitalista”.

### 3

Cairós é o tempo propício; um modo radicalmente diferente de compreender e viver o tempo. Conforme Nunes (2014), é uma revolução que sugere a destruição dos relógios, isto é, do tempo vivido e marcado cronologicamente, estabelecendo a ascensão do atingível, do realizável. O que se liga aos sonhos, que, uma vez ativados, consentem e impulsionam formas de ser que resgatem a experiência e sua essência alteritária. Experiência entendida como “prática da liberdade” no movimento revolucionário de cairós a subverter a lógica de chronos.

informações com que todos são bombardeados cotidianamente gera a incapacidade de espanto e surpresa, uma vez que um fato após outro, ininterruptamente, leva-nos ao esquecimento e a passar à frente. Sofremos uma permanente e exacerbada solicitação que termina por nos propor a apatia como posicionamento mais comum. Esse processo é delineado pelo filósofo no início da década de 1980. Podemos considerar que nas últimas décadas houve não só a sofisticação como a intensificação de tal modo de estar no mundo, no qual, entre os exemplos mais notórios, encontramos os arranjos recentes possibilitados pelas tecnologias digitais, que nos permitem falar em elevação da aceleração.

Segundo Lipovetsky e Charles (2004), desde a década de 1950, vivemos em um momento histórico diverso, marcado pela heterogeneidade e pela versatilidade. Nesse panorama, o que se exige das instituições, dos grupos, das pessoas e das coisas é mobilidade. O que se encontra acentuado é o provisório, o instantâneo, o múltiplo e, sobretudo, o indivíduo. A sociedade contemporânea, reconhecida pelos autores como “sociedade-moderna”, tem como procedimentos a permanente sedução, o transitório e a inovação.

Pela aceleração do tempo, o agir produtivo e o caráter de urgência tornaram-se a tônica prevalecente, restando prejudicada a reflexão, posto que esta requer, dentre outras coisas, disponibilidade e atenção. No frenesi contemporâneo, encontra-se a tensão onipresente propulsora de problemas psicossomáticos. Tal modo de entender o tempo e de vivê-lo não está, segundo os autores, restrito ao campo profissional, pois ele tomou conta do cotidiano, nas mais diversas formas de relação. Sentir-se sobrecarregado e estafado são queixas que se repetem. Com isso, o excesso do fazer torna comum a sensação de que o tempo se esvai, escapando-nos. Vivemos em uma sociedade apegada ao movimento, ao mudar sempre; imposições reconhecidas como imperativo da eficiência e, concomitantemente, como necessidade de sobreviver. Há, em meio a isso, um culto à modernização que devora a valorização dos ideais (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004).

Birman (2012), por sua vez, sustenta ser o desejo a força que se encontra por dentro de toda essa atração e fascínio que as novidades exercem sobre um incalculável número de sujeitos. Em sua leitura acerca da subjetividade contemporânea, concorda que a hiperatividade é uma característica, uma forma de ser e de agir que prevalece explicitamente. A ação encontrada em elevado patamar é impulsionada pelo excesso como força que se impõe socialmente e invade o psiquismo. A vida assim conduzida encontra-se permeada pela irritação e pela explosão, fenômenos estes que, em seu entendimento, desencadeiam a violência em larga escala.

Para o psicanalista, em uma sociedade hiperativa, os sujeitos funcionam sob tal condição, havendo a insígnia da indeterminação e o prejuízo do pensamento pela centralidade ocupada pelo agir. Em sua análise, então, ao focalizar a temática do mal-estar atual encontra como força subjacente o excesso que, propiciando a vida hiperativa, leva à agressividade cujos exemplos mais notáveis são o agir compulsivo, violento e criminoso. Tornando ilimitado o excesso toma o psiquismo que, assim, faz uso de duas vias para tentar se livrar do que o atormenta, a ação através da qual procura evitar a paralisia frente à angústia do real, ou, se assim não puder obter alívio, o psiquismo buscará se livrar do excesso pela via corporal.

Para o psicanalista, portanto, encontra-se evidente a presença de uma fragilização do registro do tempo no mal-estar atual, concretizado nos âmbitos da ação e do corpo, havendo então a existência de um impasse no funcionamento psíquico. Assim, estaria em baixa tanto o processo de simbolização como a antecedência das afetações. Por sua concepção, em um mundo sobremaneira imprevisível e instável como o atual,

#### 4

Chronos é o tempo contínuo; ainda segundo Nunes (2014), é um tempo mecânico, vazio e homogeneizado. Tempo que se quantifica e mede, cujas referências básicas são o relógio e a lógica urbana. Na explicação de Cunha (2010, p. 191) encontrada em seu Dicionário etimológico da língua portuguesa, Chronos é um elemento que aparece na formação de vários compostos formados no próprio grego e outros no francês, tais como crônica, crônico, cronografia, cronograma, cronologia, cronológico, cronômetro etc.

sem garantia de continuidade dos códigos simbólicos formados, está sempre em questão o trauma.

## Tempo e aceleração social

Para prosseguir na exploração do problema em análise, a partir desta seção, considerações de outros autores são sondadas. Nessa direção, vale mencionar a interessante pesquisa realizada por Giannini (2012), a partir da qual foi produzido o documentário *Tempo e aceleração social na hipermodernidade*, material audiovisual produzido como parte do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ), em 2012. Neste, o foco é a relação com o tempo tecida na atualidade. Segundo a autora, nossa ideia de tempo é uma invenção social. Ao longo da história, desde a antiguidade, o ser humano produziu instrumentos destinados a medir o tempo. O relógio, introduzido nos lugares públicos das cidades desde a Idade Média, por exemplo, exerceu enorme influência sobre as configurações sociais, alterando a dinâmica cotidiana. Afirma Giannini (2012) que o tempo em si não existe, o que existe é o pensamento sobre ele, que demanda em senti-lo e vivê-lo. Em decorrência disso, a percepção do tempo passou por mutações nas diversas sociedades. Somente o ser humano atribui uma representação ao tempo, de tal sorte que, para nós, nele se encontra uma dimensão simbólica.

A autora aponta que o tempo medido de modo cada vez mais rigoroso passou a regular e disciplinar os diversos níveis das sociedades. Tal fenômeno se sedimentou ao longo da história, tornando-se tão arraigado nas coletividades que não somos capazes de imaginar sua inexistência ou ausência. Mediante isso, em nosso pensar, só há vida dentro da dimensão temporal. Com efeito, o sentido conferido ao tempo é mutável. Os formatos a ele dados são construídos de acordo com as dinâmicas sociais. Nas sociedades contemporâneas, o tempo que sentimos e conhecemos tem se tornado acelerado. O tempo em si, no entanto, não acelerou. Há, por assim dizer, um significado distinto atribuído ao tempo, concomitantemente célere e comprimido. A aceleração é sentida de modo mais explícito na virada do milênio, caracterizada por intensidade, ansiedade, imediatismo, velocidade. Um mundo de sensações a nos lançar no vazio existencial, tendo importância o instante vivido em detrimento do passado e do futuro.

A pesquisa de Giannini (2012) se baseou, sobretudo, no pensador Hartmut Rosa<sup>5</sup>, para quem a aceleração é massiva e crescente, configurando-se em três tipos: a primeira é a tecnológica, que altera sobremaneira, a relação espaço-tempo. A segunda é a aceleração das mudanças sociais em ritmo cada vez mais veloz, o que se vincula às mutações das linguagens, valores, atitudes, estilos de vida e relações. E a terceira é a aceleração do ritmo de vida, vista no desejo de fazer mais coisas em menos tempo, por exemplo, nas atividades executadas simultaneamente. Essas vivências aceleradas terminam por acarretar o esvaziamento de sentido.

Para a pesquisadora, o trabalho passou a ser exercido em demasia em função dos lemas da excelência e da qualidade total. Seu ritmo foi intensificado e tornado obsessivo, havendo nisso um culto da performance. No contexto atual, a empresa é um enérgico mecanismo de produção subjetiva que introjeta nos sujeitos valores capitalistas, visando em primeiro lugar o lucro (próprio). O tempo, conseqüentemente, é devotado ao ganho financeiro, ao ter em vista o produzir mais em um período menor, o que termina por submeter às subjetividades o labor, levando-as a ter dificuldade para criticar sua própria condição existencial empobrecida. Essa sujeição do trabalhador por manipulação psíquica, funciona com o incentivo de valores como produtividade, rentabilidade e sucesso, direcionando-o ao

## 5

Hartmut Rosa (1965-), filósofo, sociólogo e cientista político alemão ligado à Teoria Crítica (Escola de Frankfurt). Professor da Universidade de Jena; diretor do Centro Max Weber de Estudos Sociais e Culturais Avançados na Universidade de Erfurt. Teórico que tem sido considerado como uma das mais importantes referências para os estudos da aceleração social.

fazer e ao ter, valorizando o protótipo do sujeito motivado e vencedor, em confluência com as pretensões da organização empresarial, que visa obter êxito. A adesão do trabalhador, não poucas vezes, acaba por se tornar simbiose com esse tipo de organização, diluindo-se nela, restando, assim, envolvido e penetrado por suas metas.

Segundo Giannini (2012), os efeitos psíquicos dessa dinâmica são a tensão do desempenho, o esgotamento físico e psíquico. Empresa e trabalhadores que operam acoplados e procuram “vencer juntos” – em uma engrenagem que funciona por meio de recompensas e premiações econômicas e afetivas. Se o contrário ocorrer, isto é, no caso de o patamar almejado pela organização não ser alcançado o sujeito é lançado em um vazio existencial. Surgem assim eventos psicofisiológicos nocivos nessa trama: morte repentina, burnout<sup>6</sup>, sociopatia, depressão, ansiedade, ideação suicida e até mesmo a concretização do suicídio. Impactos psicofisiológicos estes oriundos da ruptura na simbiose sujeito-empresa. Alguém não mais útil, enquanto tal, é abandonado, descartado e culpado por seu suposto fracasso. A organização, em geral, não se ocupa nem se preocupa em mudar sua estrutura e modo de funcionamento, o que desencadeou uma crise ou instabilidade no sujeito, não reconhecendo, com isso, sua responsabilidade. Logo, torna-se fácil atribuir ou reduzir o “insucesso” de alguém tão somente a uma suposta fragilidade psíquica. Desse modo, em tais condições, o sistema empresa se mantém tal como está, não sendo sequer problematizado.

## O contemporâneo - tempo sem experiência

Na conferência A invenção do contemporâneo – tempo sem experiência, Matos (2009) lança a seguinte pergunta: “O que é o tempo?”. Partindo daí, argumenta sobre os efeitos da contração do tempo que provocam mal-estar na vida contemporânea, sobretudo, nas metrópoles. Há, em seu entender, uma recorrente e compartilhada sensação de que não temos tempo, localizando os modos de vivenciá-lo no contemporâneo como algo cada vez mais negligenciado. Assim, a autora interroga por que o tempo não mais nos pertence. Para ela, tal condição diz respeito a uma perda de controle sobre o tempo que se foi e que não sabemos se conseguiremos porventura recuperar. Sendo assim, refere-se à condição temporal na atualidade como patologia do tempo – um tempo sem experiência.

Segundo a filósofa, etimologicamente, experiência, do latim, é formada pela partícula *per*, que significa sair da condição do já conhecido para ampliar as vivências. Tem a ver com perigo (palavra também formada pela partícula *per*), que tem por sentido encarar o desconhecido; atravessar uma região em que os perigos podem nos assaltar. Para nos ajudar a entender a originária acepção da palavra experiência, cabe entrelaçá-la à oportunidade, do latim *opportunus*, que está ligada a *portus* – porto, que designa saída, em alusão aos navegantes que tinham no porto um ponto de partida para enfrentar o imenso desconhecido do mar. O desbravamento do mar – com suas surpresas e perigos – proporcionava as experiências que alargavam os horizontes, o conhecimento e a sensibilidade.

A autora pontua que na atualidade há quatro aspectos marcantes da relação com o tempo que nos lançam nesta condição de aniquilamento das experiências. São eles: primeiro, a contração do tempo (uma sensação permanente de que não há tempo); segundo, a intensificação do tempo; terceiro, o devir vazio do tempo; e quarto, o tempo que se transmuta em presente perpétuo, escasso de memórias. Suas reflexões aqui são marcadamente benjaminianas<sup>8</sup>. Sendo assim, segundo Matos (2009), para o pensador frankfurtiano, esses fenômenos do tempo coincidem, em seu surgimento, com as grandes metrópoles. É, fatalmente, um tempo que se

## 6

A palavra burnout origina-se da expressão inglesa “to burn out”, que significa queimar por completo. Trata-se do estado de exaustão física e mental decorrente do exercício profissional. As psicólogas brasileiras Mary Sandra Carlotto e Sheila Gonçalves Câmara publicaram em 2008, artigo com o objetivo de analisar a produção científica brasileira sobre a chamada síndrome até então. Segundo elas, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1953, em estudo de caso sobre uma enfermeira psiquiátrica desiludida com seu trabalho. Seguiram-se relatos semelhantes com outros profissionais durante os anos 1960. Os sinais descritos nos primeiros estudos ficaram posteriormente conhecidos como síndrome de burnout. Na década de 1970, o médico e psicanalista americano Herbert Freudenberger a descreve como fenômeno em que há um sentimento de fracasso e exaustão ocasionado pelo desgaste de energia e recursos. Este pesquisador cita dentre as características: aborrecimento, irritabilidade, fadiga, perda da motivação, depressão, rigidez etc., decorrentes das exigências e pressões laborais, havendo sobrecarga sobre o trabalhador. Atualmente, a definição mais aceita destaca a formação de três dimensões: 1- a exaustão emocional; 2- a despersonalização; 3- a baixa realização no trabalho. Segundo as psicólogas, as pesquisas sobre burnout encontram-se em estado incipiente no Brasil, enquanto na América do Norte e na Europa já possuem longa data. Para maior exploração sobre o assunto, consultar: Carlotto e Câmara (2008). Vale também mencionar que temos no Brasil um interessante livro que trata essa questão de maneira profunda e crítica, pelo que se recomenda ao leitor interessado em explorar o assunto o trabalho de Castro (2012).

esvai, que passa e, assim, não permanece, caracterizando-se por isso mesmo como efêmero. Nessa leitura, o conceito de experiência e sua perda se torna crucial para a compreensão do mundo moderno desde sua gênese até a atualidade.

A pensadora destaca que o tempo, como fora vivido tradicionalmente, tecia-se a partir dos narradores e dos ouvintes de histórias, fatos e contos, havendo, sob tais condições, permanente ligação do passado ao presente. E quem era esse narrador? Ela observa que este era o homem da terra (o trabalhador do campo) e, também, o viajante (aquele que a partir das suas viagens tinha um repertório de histórias a serem contadas). Desse modo, na tradição, tempo e espaço estão intimamente vinculados, uma vez que as narrativas tradicionais tinham por finalidade, entre outras, orientar o sentido e o pensamento. Todavia, no contemporâneo, a ideia de tradição se partiu, sendo entendida como antiquada e ultrapassada, ficando então quebrada. Por essa perspectiva, ergue-se na sociedade contemporânea o sentimento e a vivência do tempo como vazio.

Passando adiante, para tratar do tempo assim sentido e vivido, a filósofa apresenta uma pequena diferenciação entre tédio e monotonia. Nesse ponto afirma que o primeiro, como algo próprio da tradição, consiste no sentido da vida e do mundo diminutos, havendo neste ainda um contato da pessoa com sua interioridade. A segunda – muito própria da atualidade – traz em si o problema do tempo vazio – aquele que se preenche pela ideiação de eliminar o tempo. Tempo este patológico, no qual não há contato consigo mesmo, havendo com isso a sensação de perda do sentido do mundo. A ação é intensificada e o tempo preenchido veementemente com episódios vácuos. É ele agora que nos determina, que nos situa e prende no presente, sem experiência. Perde-se dessa forma o sentido existencial e temporal, havendo um mal-estar em que as ações se dão por se dar. Tempo em que os valores são relegados, não reconhecidos, de tal sorte que nossa época se encontra permeada pelo mal banalizado e pela culpa “evaporada”. Mundo hoje, segundo a autora, regido pelo antivalor (com a prevalência dos valores de troca), o que faz ascender o sensacionalismo e, assim, desaparecer a estima pela convivência. Nosso tempo (da monotonia) precisa ser preenchido, funcionando, por exemplo, pelos excessos (droga, comida, guerras etc.). Com sua avaliação, a pensadora toca naquele que parece um dos temas-chave na leitura do contemporâneo discutido tanto por Lipovetsky (2005), Lipovetsky e Charles (2004), quanto por Birman (2012), o excesso. Temos então, por consequência, um tempo mal vivido, precário em experiências; tempo que se busca fazer passar e esquecer.

Matos (2009) se baseia em Benjamim, autor que assinalou nesse fato um início concreto, a saber, na França, na metade do século XIX, onde se viu surgir esse modo próprio de viver o tempo com uma nova forma e objeto de culto (a mercadoria). Instaure-se, naquele momento, o apreço e a produção da novidade (não o Novo). Esse fenômeno recebe forte impulso a partir do projeto de reurbanização de Paris implementado por Napoleão III, havendo dentre suas finalidades facilitar a livre circulação das mercadorias e impedir as resistências populares. Com a centralidade dada à mercadoria e sua reprodução, multiplica-se o mesmo incessantemente. O projeto posto em cena naquele contexto era a “Paris capital do capital”. Com este, o proletariado é empurrado para os subúrbios. A produção que se repete incontáveis vezes termina por gerar o tempo da monotonia. Neste, a política se torna desinteressante; a lei declina como fator de coesão social; particularismos (em forma de grupelhos) se ascendem, restando ausentes os valores e não reconhecidas as normas sociais.

## 7

Walter Benjamin (1892-1940), o notável pensador alemão que inspirou as considerações de Matos (2009) é assim descrito por Souza e Kramer (2009, p. 9-10): “Colecionador de miniaturas, de livros e de brinquedos infantis, era também amante do cinema e da fotografia, estudioso da estética (e defensor de uma politização da estética capaz de fazer frente à estetização da política então engendrada pelo nazismo), pensador crítico da cultura do seu tempo, filósofo marxista [...] o seu modo de pensar encontrou uma perfeita sintonia com a forma de seus escritos. O caminho teórico-metodológico que delineou – contra a visão desarmada e contra a visão filosófica – fez com que procurasse escrever seus textos em fragmentos que seriam como ruínas em permanente reconstrução; uma obra, portanto, que sugere o inacabamento presente na própria vida e, com isto, a possibilidade de podermos interferir nos caminhos da história. Recuperar o universal, compreender a totalização manifesta no singular, este era o seu projeto. A totalidade se revela assim para ele na singularidade, no miúdo, no cotidiano, história ao vivo. Seu propósito, no que diz respeito à sua concepção de história, seria escovar a história a contrapelo, ou seja, se colocar em permanente alerta contra a continuidade e o evolucionismo da história oficial. [...] Sua proposta é a de levantar sempre perguntas e não deixar que o pensamento se imobilize nas explicações fáceis, e que o espanto frente aos fatos que nos cercam seja arrancado ao conformismo”.

## Tempo acelerado - mundo da imagem e do fluxo permanente

Outro aspecto relacionado ao modo acelerado de viver e que por isso mesmo aparece como evidente na atualidade é a prevalência da imagem em muitos espaços. Estamos sob uma superestimulação visual, onde rapidamente passamos de uma figura a outra, destacando-se nesta o marketing como produtor e condutor de um sem número de sujeitos, propagando e propondo tendências e estilos. Faz-se notório o estágio a que chegaram as tecnologias, funcionando, nos aspectos negativos de seu uso, elevado nível de superficialidade e até mesmo dependência. Com isso, a informação é supervalorizada, enquanto declina o grau de importância atribuído ao conhecimento.

Em relação a esses novos regimes de comunicação presentes nas sociedades atuais, com o lugar privilegiado em que foi posta a informática, importantes questões em torno ao seu entendimento e ao seu uso podem se dar. Severiano e Estramiana (2006) questionam se a comunicação e a informática tais como utilizadas na atualidade estariam gerando maior contato, ou, diversamente, estariam induzindo a desencontros e descompromissos nas relações sociais, acabando, com isso, por colaborarem com a fragmentação e o afastamento. Dessa forma, a comunicação não teria se tornado apenas informação? E o grande volume de informação circulante será que produz sentido? Nas sociedades contemporâneas, segundo Severiano e Estramiana (2006), a desvalorização da memória é uma constante, havendo a aderência a estilos desprovidos de sentido. De modo diferente das sociedades baseadas nas tradições de teor ético ou religioso, nas quais a nação, a liberdade e a igualdade ocupavam o lugar de figuras simbólicas a orientar e associar seus membros, atualmente, a memória é decaída e a história não mais serve denexo. O lugar antes reservado à memória passou a ser ocupado pela comunicação, que mantém como prioridade a informação transmitida através de aparatos técnicos, reciclando os hábitos de consumo das mais variadas formas. A adesão não aproxima os sujeitos nem lança sentido, pois cada qual, isoladamente, pode se dirigir a um molde sem sequer colocar alguma relação de significado.

Severiano e Estramiana (2006) observam que, embora seja manifesta a “fabricação” simbólica da realidade pelos veículos midiáticos, isso não quer dizer que os grupos sociais e os sujeitos sejam incapazes de reagir ou que sua identificação seja dada sempre passivamente em afinidade aos conteúdos das redes de comunicação. Insistem, no entanto, em que há ascendente aptidão da mídia atual para arquitetar de modo emblemático a realidade. Dessa forma, o modo como pensamos, sentimos, agimos, e, além disso, o modo como nos definimos sofreram impactos consideráveis com os fenômenos da globalização da economia e de uma cultura cada vez mais propagada em nível mundial. A indústria cultural<sup>8</sup>, que tem por base o consumo, como também a comunicação, ambos massivos, difundidos em nível planetário nos mais diversos setores, provocaram alterações no entendimento quanto a quem seja o sujeito recente.

Para Bicca (1999), a tecnologia avançada acelera o vigor da exploração e da instrumentalização da natureza, frutos de uma sociedade que se pauta pela técnica e pelo cálculo. Espera-se, nessa forma de estar no mundo, que os recursos naturais estejam sempre acessíveis e disponíveis em vista da corrida pelo desenvolvimento. Assim, administra-se e controla-se pela técnica, fazendo com que qualquer coisa seja passível de sofrer avaliações submetidas à ideia de vantagem ou desvantagem, custo e benefício. Nesse panorama, com efeito, encontram-se facilmente elementos tais como insensibilidade, insensatez, incapacidade de diferenciar e julgar, sendo tais posicionamentos movidos a partir de uma lógica massificante na qual o que importa é a promoção de uma sociedade de espectadores e consumidores.

### 8

Conceito lançado em 1944 pelos renomados filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Para maiores detalhes, consultar Adorno e Horkheimer (1985).

Onde aumenta a insensibilidade a gente precisa de hiperexcitação, calculada e impessoalmente implementada, a qual só contribui para fortalecer a anestesia. Pois “sensibilidade” assemelha-se cada vez mais a pieguice e o ofuscamento já não permite distinguir compaixão e solidariedade do que é mera manipulação emocional, com a qual, aliás, estamos progressivamente conformados. O homem incapaz de diferenciar julga com a (des-)medida do que é massificante, e ao pautar-se em seu modo de ser pela eficiência como fim supremo a ser perseguido, torna-se um embrutecido predador, um consumidor, dentre outras coisas, de homens (BICCA, 1999, p. 78).

A informação ganhou influência na atualidade, sendo amplamente reconhecida como algo valioso. As mídias acabaram por ocupar o lugar de portadoras da verdade para uma grande parte dos sujeitos, jogando e mexendo com o imaginário. Com as mídias que produzem a imagem, a aparição ocupa o lugar principal. Até certo ponto, o estar em evidência é um modo de influir considerável, uma vez que a imagem é um modelo atrativo que gerou mudanças radicais na linguagem e na comunicação. A informação circulante nas mídias eletrônicas é passada e repassada, veiculada em uma espécie de show dopante que incita o olhar em detrimento do pensar reflexivo e crítico. Para Severiano e Estramiana (2006), a imagem ocupa, portanto, lugar de centralidade, tornando referencial aquilo que se vê e quem se vê. É o peso do valor atribuído ao visível – sociedade do espetáculo<sup>9</sup> – donde se passa de uma imagem à outra em um fluxo veloz cuja exigência é nunca parar. Temos assim, dentro desse cenário, uma espécie de culto ao bem-estar e a disseminação da felicidade como ideal.

Tal fenômeno comunicativo de cunho informativo se relaciona ao que Haroche (2008; 2011), em sua análise das sociedades atuais, enxerga como marcas da fluidez e do fluxo incessantes através dos quais nos movemos e somos de certo modo levados. No contexto acelerado da atualidade, a socióloga alude à personalidade flexível como predominante, referindo-se a esta como aquela que caracteriza o sujeito contemporâneo. Definida pela visibilidade em alto grau, pelo movimento e por uma inconstância de si mesmo com variações contínuas (HAROCHE, 2011). Tal sociedade e sujeito, feitos mutantes, apresentam como uma das principais características o descompromisso que, segundo a autora, evidencia-se como traço enfático do clima, da atmosfera do individualismo reinante. A flexibilidade da personalidade é, assim, um aspecto ativo das novas configurações de poder e controle, dos meios pelos quais se dão o desligamento dos acontecimentos sociais e o aviltamento.

Com essa problemática, Haroche (2011) coloca que, em meio à ilimitação e ao instantâneo, estaríamos restritos ao fluxo ininterrupto, ao movimento incessante e a vivenciar sensações em prejuízo do pensar crítico. No movimento constante, portanto, teríamos a propensão a impressões voláteis e difusas envoltos na sensação de constante modificação. De tal forma que as alterações sociais, econômicas e tecnológicas em ritmo veloz estariam nos reduzindo à condição de passividade em relação à própria existência.

## Considerações finais: em busca do pensar sensível

No que diz respeito ao modo próprio como o sujeito contemporâneo sente, entende e vivencia o tempo, uma bela canção da música popular brasileira<sup>10</sup> é sugestiva e emblemática para o pensar crítico:

### 9

Conceito lançado em 1967 pelo pensador francês Guy Debort (1931-1994), naquela que é considerada por muitos a sua mais importante obra. Para maiores detalhes ver Debort (1997).

### 10

*Paciência*, música e letra compostas em parceria por Lenine e Dudu Falcão; lançada no Álbum Na pressão, de Lenine, em 1999.

**Paciência**

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
 Até quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
 A vida não para.  
 Enquanto o tempo acelera e pede pressa,  
 Eu me recuso, faço hora, vou na valsa,  
 A vida é tão rara.  
 Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
 E a loucura finge que isso tudo é normal,  
 Eu finjo ter paciência.  
 O mundo vai girando cada vez mais veloz,  
 A gente espera do mundo e o mundo espera de nós,  
 Um pouco mais de paciência.  
 Será que é tempo que lhe falta pra perceber?  
 Será que temos esse tempo pra perder?  
 E quem quer saber?  
 A vida é tão rara, tão rara!  
 Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
 Mesmo quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
 Eu sei, a vida não para, a vida não para não!  
 Será que é tempo que lhe falta pra perceber?  
 Será que temos esse tempo pra perder?  
 E quem quer saber?  
 A vida é tão rara, tão rara!  
 Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,  
 Mesmo quando o corpo pede um pouco mais de alma,  
 Eu sei, a vida não para, a vida não para não... a vida não para!  
 (LENINE, 1999, f. 3).

Essa canção dá o que sentir e pensar, convidando-nos a indagar sobre nossas condições existenciais e nossos posicionamentos; sobre os sentimentos e ações postos em movimento (fora-dentro-fora) daqueles e naqueles que habitam esse nosso mundo que não para. Sua letra fala de uma vida feita agitação, irrequieta, superativa, frenética, sem pausa. Vida tensa, sobrecarregada, nervosa, ansiosa, que insiste em negligenciar qualquer silêncio possível, incitando ao movimento incessante e ao barulho. Vida e tempo que são dialeticamente implicados, pois o jeito de levar o tempo põe em evidência a maneira com que é encarada e “tocada” a vida. Assim, se considerarmos que, não poucas vezes, tanto na esfera pública como na íntima o que prevalece é uma desatinada relação com o tempo temos por consequência a vida feita insensatez, o que nos faz girar dentro de um círculo vicioso em que mais insensatez significa maior vulnerabilidade e esta, por sua vez, termina aprofundando a insensatez.

Sob tais condições, a pergunta do poeta colocada como epígrafe deste texto ecoa com força no sentir e pensar daqueles que se põem decididamente a desconfiar desse modo de estar no mundo. Com efeito, em sua sensibilidade, o questionamento acerca dessa tensão quase onipresente na qual se transformou o viver e se ainda seria possível o silêncio, podemos ruminá-la, ao perguntar onde e como este poderia ser encontrado. O silêncio, este rejeitado que tem o poder de nos lançar em direção à reflexão, à quietude, ao ouvir a si mesmo, também o outro e até mesmo a natureza, podendo ainda nos levar até a experimentar alguma dose de angústia – tão necessária a qualquer gesto transformador.

De modo similar à indagação do poeta, a canção começa dizendo que, por vezes, tudo requer calma, o corpo – entendido como o centro da subjetividade na atualidade –, soa vazio, objeto de afazeres e prazeres limitados em sua superfície, aos quais muitos de nós se direcionam com voracidade. Corpo este vazio de sentido, que não suporta a quietude nem a serenidade. Corpo “sem alma”, isto é, objeto fim e meio de toda e qualquer produção, atividade e desejo. Diante do quadro exposto pode ser levantada a seguinte questão: essa vida que não quer parar pode ser entendida como

restrita à sobrevivência? A aceleração do tempo – situação quase onipresente – insiste com cada um de nós: faça, aconteça, apareça, mova-se, corra, não pare... Somos assim pressionados a nos inserir no ritmo da pressa e da velocidade. Daí, pois, a importância de se colocar a indagar como nos propõe a canção: podemos não aceitar, mas até que ponto somos resistentes o suficiente para a recusa? Se tivermos condições para tal, como então torná-la valor, construí-la como fato, torná-la, enfim, efetiva? Afinal de contas, do jeito que vamos, – a canção é enfática – a vida, vida mesmo, torna-se raridade.

Muitos de nós entramos no jogo e alguns dentre nós sabemos que esse modo de ser e viver não vai bem. No entanto, situar-se de modo passivo, esperando uma resolução para esse jeito extasiado de viver não resolve absolutamente nada. Talvez o que seja a posição de muitos, aceitar simplesmente, “dar de ombros”, pelo que se diz “é assim mesmo”, situação tão corriqueira e amplamente difundida entre nós. A ausência de estranhamento e conseqüente reflexão sobre o problema nos leva a permanecer onde estamos. A canção expõe uma observação sobre essa questão, instigando-nos a pensar sobre ela, mencionando-a através da controversa e tão difundida palavra normal<sup>11</sup>. Simplesmente aceitando, inserindo-se nessa lógica, assimilando-a, como ocorre, agrava-se a situação. O que requer de nós indagar o porquê da aceitação, introjeção e positividade da vida assim produzida. A paciência, nesse contexto, pode ser apenas simulacro ou, talvez, um momento sem durabilidade. De qualquer forma, ela perde força e a aceleração, a pressa, a irritação, a impaciência, enfim, sobressaem e dominam, pondo-nos de costas para os outros e/ou jogando-nos uns contra os outros, em clima de competição e rivalidade, assimilada que temos a lógica superindividualista.

Nesse turbilhão, o “mundo”, em seu girar feito aceleração, espera nos tornar igualmente velozes. E nós, o que do mundo podemos esperar? Ficaremos passivos, tão somente aceitando? De outro modo, que doravante sejamos capazes e empenhados, como sujeitos pensantes e sensíveis, em ousar levar adiante a inquietude frente ao ritmo imposto. E, assim, no tecido da vida cotidiana, caminhar ativamente contracorrente, ao pôr no centro do nosso modo de ser, características como silêncio, serenidade, sensibilidade e diálogo, que nos lançam em direção ao encontro, à fraternidade e à amizade.

A este propósito – voltando à reflexão traçada por Matos (2009) –, importa refletir e assumir uma posição de enfrentamento, que pode se dar ao tomar as rédeas da própria vida, questionando-se sobre o modo de existir que levamos, sobre o que fazemos, sobre como encaramos o trabalho e o consumo das coisas. Assim, tornar-se-á possível gerar uma revolução cotidiana ou uma revolução do cotidiano, ao fazer a opção pela vida compreendida e vivida de modo mais simples.

Um obstáculo poderoso para isso, no entanto, é a absorção do modelo neoliberal por muitas sociedades atuais. Modelo este que despreza o descanso e a vida digna. Contrários a esse sistema, convém viver com simplicidade e sensibilidade para com o outro, rompendo com as relações baseadas na troca onde o carro-chefe é a indiferença. Para a filósofa, portanto, é o próprio psiquismo do sujeito contemporâneo que precisa mudar. Matos (2009) defende que o tempo qualitativo, radicalmente diferente desse em que vivemos, se buscado, pode nos levar a primar pela vida com sentido. E nos lançar na consciência de nossas ações, possibilitando-nos viver experiências. Para tal, a mobilização do pensar, do sentir, do agir e também da nossa imaginação – como atitudes correlacionadas – são imprescindíveis para ativar novos querereres e fazeres na busca por outros sentidos em nossas formas de conceber e vivenciar o tempo.

## 11

Cabe aqui um pequeno comentário acerca da palavra normal encontrada em Paciência. Importa atentar-se para sua textura própria, ou seja, para o conjunto da mensagem contida na letra da canção e, assim, esforçar-se por tentar captar o que os compositores pretenderam expressar. Quando assim o fazem, a contrapõem à loucura, o que nesse contexto parece dizer que a vida e o mundo assim como vão estão mergulhados na insensatez, algo como uma condição insana, extravagante, exagerada, em suma, impulsiva. Nunca é demais lembrar que a palavra normal pode suscitar confusões e apreciações superficiais e mesmo distorcidas, tendo em vista a amplitude com que circula no senso comum, sendo usada, por exemplo, para se referir à caracterização de sujeitos e grupos. Tais qualificações explicitadas em forma de crenças, entendimentos, preconceitos, opiniões, chavões etc. são, não poucas vezes, equivocadas e depreciativas, motivo pelo qual tal palavra merece ser tratada com cautela. Sabemos que normal remete aquilo que está conforme a norma; que é habitual ou comum. Necessário se faz, portanto, muitas vezes, refletir sobre a inadequação desse termo, ou, se usado, sempre observá-lo em relação ao contexto cultural no qual se inscreve. Sendo assim, cumprir levar em consideração o tempo e o lugar próprio em que ocorre este ou aquele fenômeno, situando o termo precisamente aí. Sabe-se que o uso de tal palavra, ainda hoje muito presente em diversas teorias da psicologia e também na psicanálise, deve-se às influências da medicina que, dentro de uma perspectiva de ciência positivista, passou a utilizá-la em oposição a patológico. Para aprofundamento, confira dois clássicos: 1- Canguilhem (2011), obra de filosofia que discute a epistemologia da medicina e critica a ciência positivista e 2- Bergeret (1998), obra situada especificamente no âmbito da psicanálise, repleta de relatos clínicos, na qual são discutidas estimativas acerca de estrutura, caráter e sintomatologia.

## Sobre o artigo

Recebido: 21/03/2017

Aceito: 08/04/2017

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BERGERET, J. **A personalidade normal e patológica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BICCA, L. **O mesmo e os outros**. Rio de Janeiro: 7Letras, 1999.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOZO, J. **De dentro do tempo blindado**. Nova Iguaçu/RJ: Água Grande, 2000.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G.. Análise da produção científica sobre a síndrome de burnout no Brasil. **PSICO**, PUC-RS, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 152-158, abr/jun 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewArticle/1461>. Acesso em: 12 de novembro de 2015.

CASTRO, F. G.. **O fracasso do projeto de ser: burnout, existência e paradoxos do trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DEBORT, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EWALD, A. P.; GONÇALVES, R. R.; BRAVO, C. F. O espaço enquanto lugar da subjetividade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 755-777, setembro 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151861482008000300009&lnpt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482008000300009&lnpt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de março de 2016.

GIANNINI, E. **Documentário Tempo e aceleração social na hipermodernidade**. Roteiro e realização: Evie Giannini. Orientação: Jorge Coelho Soares. Rio de Janeiro: (UERJ/PPGPS), setembro 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTARiMPJYrg>. Acesso em: 20 de março de 2016.

HAROCHE, C. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

HAROCHE, C. Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea. **Caderno Metropolitano**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 359-378, jul/dez 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14758/10762>. Acesso em: 20 de outubro de 2015.

LENINE, O. M. P.; FALCÃO, C. E. C. A. [compositores]. Paciência. In: LENINE, O. M. P. **Na pressão**. [S.I.]: Sony Music, p 1999. 1 CD (ca. 53 min). Faixa 3 (4 min 44 s).

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MATOS, O. "Tempo sem experiência". **Documentário Invenção do contemporâneo**. Série: experiências no tempo, curadoria: Olgária Matos. São Paulo: CPFL Cultura, 2009. 1 DVD, Fulscreen, son., color.

NUNES, D C. Trabalho, aceleração e mal-estar: a industrialização do tempo. **Encontro Interdisciplinar de Saúde**, 2, 2013. Palestra. Belford Roxo/RJ: UNIABEU Centro Universitário, 2013.

NUNES, D C. Clio, calíope, cairós: modernidade e utopia através de Moacyr Félix. **Revista Uniabeu**, UNIABEU Centro Universitário, Belford Roxo/RJ, v. 7, n. 16, p. 28-42, maio-agosto de 2014. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/1374>. Acesso em: 10 de novembro de 2015.

SEVERIANO, M. F. V.; ESTRAMIANA, J. L. A. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

SOARES, J. C. (Org.). **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SOUZA, S. J. ; KRAMER, S. Apresentação. In: SOUZA, S. J. ; KRAMER, S. (Orgs.). **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 7-15.